

Editor: Carlos Marcelo  
pensar@correio.com.br  
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

pensar

# Versos de Ascensão



Coletânea dos poemas do pernambucano Ascenso Ferreira reafirma a característica popular e regional do Modernismo nordestino

ALEXANDRE PILATI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

## Nana, nana

Sentes que a minha vida é um rio caudaloso, tomado do delírio das enchentes, correndo alucinado para o mar! E te assombra, com medo dos abismos, onde as águas nos seus loucos paroxismos te possam arrastar... No entanto, sobre a flor dessas águas tempestuosas, leve como as espumas vaporosas, há de sempre boiar... Sentindo a sensação deliciosa de que as águas arrogantes, tumultuosas, estão cantando pra te ninar.

## Nordeste

O ferreiro malhando no topo das baraúnas. Nas lombadas da serra o sol é de lascar... Nem uma folha só fazendo movimento!... - Nana! O nana! - Inhor! - Chega de me abanar... Pouco a pouco, porém, vem vindo um frio lento Trazido pelas mãos de moça do luar... Que gozo nos coqueiros acarinhados pelo vento!... - Nana! O nana! - Inhor! - Chega de me esquentar...



CATIMBÓ, CANA CAIANA E XENHENHÉM  
De Ascenso Ferreira.  
Editora Martins Fontes,  
280 páginas.  
R\$ 39,80.

Editora Martins Fontes/Difusão

**A**scensão". Luis da Câmara Cascudo chamava assim o poeta pernambucano Ascenso Ferreira (1895-1965). O aumentativo carinhoso não era só uma referência ao tamanho do poeta, que, nas palavras de Cascudo, olhava a vida "do alto de um metro noventa e pisando com cem quilos as ruas velhas" do Recife. Era também uma referência ao alcance de sua obra, que superou os clichês do regionalismo e do exotismo e se afirmou como uma das mais curiosas manifestações desse complexo movimento cultural que é o Modernismo brasileiro.

Outros grandes nomes modernistas ocuparam-se de olhar com carinho para essa figura que emanava simpatia tanto em termos humanos quanto literários. Mário de Andrade, por exemplo, referiu-se a *Catimbó*, primeiro livro de poemas de Ascenso, lançado em 1927, como "um dos livros mais originais do Modernismo brasileiro". Do conterrâneo Manuel Bandeira, Ascenso recebeu o reconhecimento da forma originalíssima como seus poemas exibiam "virtualidades verbais" e souberam manter-se imunes aos cacoetes da escola moderna, esqueirando-se de obediência cega a modelos exógenos para tirarem lição das próprias virtudes da tradição popular da região. O crítico Roger Bastide viu, na poesia de Ascenso, uma das melhores realizações modernistas do popular, especialmente "no senso do ritmo, que faz com que ouçamos as pisadas surdas dos bois da caatinga". Já Sérgio Milliet refere-se a Ascenso citando um de seus poemas. Segundo ele, o pernambucano é "rei dos mestres que aprendeu sem se ensinar".

O leitor brasileiro tem agora nova oportunidade de entender por que a poesia de Ascenso Ferreira mobilizou o olhar crítico de tamanha constelação de pensadores. A editora Martins Fontes acaba de lançar mais um volume da coleção Poetas do Brasil, contemplando três livros de poemas publicados pelo autor. O livro reúne as coletâneas *Catimbó* (1927), *Cana caiana* (1939) e *Xenhenhém* (1951). Bem cuidada, a obra é uma oportunidade importante para reflexão sobre a complexidade do Modernismo brasileiro para além de sua pauta programática notadamente paulista. Para instigar tal reflexão, a edição contempla textos dos críticos supracitados, além de introdução e posfácio escritos por Valéria Torres da Costa e Silva, professora e pesquisadora da UFPE. Com esmero, Valéria cuidou da organização e do tratamento do texto, algo nada fácil devido ao uso de vocábulos de registro oral e de arcaísmos e regionalismos. Seus textos críticos ademais procuram lançar questões sobre a curiosa obra de Ascenso.

Entre essas questões está certamente a polêmica entre Modernismo paulista e Regionalismo nordestino. Sem vê-los como antípodas, a pesquisadora procura sugerir que Ascenso Ferreira é um amálgama dinâmico dessas tendências. A partir daí seria possível vislumbrar outros elementos críticos interessantes, de ordem mais míuda, tais como a utilização por Ascenso do poema-piada de corte oswaldiano, a imbricação de um léxico da tradição poética (grandiloquente e solene) com um vocabulário do povo nordestino (relaxado e pitoresco), a utilização mesclada de metros populares (redondilha menor) e clássicos (decassilabos) com versos livres muitíssimo bem cadenciados. Aí está talvez o grande mérito poético de Ascenso Ferreira: senso do ritmo – o elemento motriz do significado latente em toda grande poesia. Assim, o pernambucano deixa de ser um pitoresco poeta de feira para se tornar alguém que faz seu canto assumir, na própria raiz, os impasses da condição brasileira. Trazendo à ordem do dia o regionalismo, Ascenso configura-se no sistema literário como uma complementação de Manuel Bandeira para o Modernismo. Se é concedida a licença (pouco poética), poder-se-ia chamá-lo de um Bandeira mais bruto, no bom sentido do termo.

É também, noutro sentido, o tino do verso que faz com que Ascenso seja um caso peculiar de poeta de grandes versos e não de grandes poemas. Em cada um de seus três livros, é possível garimpar belíssimos versos em poemas que, entretanto, não conseguem manter a tensão poética que isoladamente os versos revelam. Potencialidades e insuficiências, enfim, da nossa poesia como um todo. É também por esse prisma que a obra de Ascensão o faz digno desse aumentativo revelador e brasileiro como cada um de seus textos.

ALEXANDRE PILATI É DOUTOR EM LITERATURA BRASILEIRA E POETA, AUTOR DE *PRAFORA* (7 LETRAS, 2007)